**LCF5875 – OFICINA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

**Diários de bordo – Fichamento**

**Nikolas de Souza Mateus**

O 1º encontro foi marcado pela apresentação (autobiografia) de cada aluno, possibilitando que conhecêssemos quem está ao nosso redor. Em tempos de isolamento social, tal prática se torna essencial para nos aproximarmos dos colegas de turma, bem como propicia o entretenimento no início do curso.

Nos encontros seguintes, realizou-se a leitura de livros recomendados pelo Professor, bem como seus fichamentos, que podem ser vistos a seguir.

**Boaventura: A universidade pós-pandêmica**

Os dois ataques principais de que era alvo a moderna universidade pública (UP) antes da pandemia podem ser sintetizados em dois conceitos:

1. Capitalismo universitário: o primeiro ataque intensificou-se nos últimos quarenta anos com a consolidação do neoliberalismo como lógica dominante do capitalismo global. A universidade passou a ser concebida como área de investimento potencialmente lucrativo, promovendo assim uma transferência do investimento público na formação dos professores para o setor privado. Os estudantes devem ser vistos como consumidores de um serviço e os professores devem ser sujeitos a critérios globais de produtividade; as UPs devem ser geridas como uma empresa. As UPs foram tradicionalmente formuladoras de projetos nacionais, elitistas e excludentes (racistas, colonialistas, sexistas) mas que davam consistência à economia capitalista nacional, porém, era baseada na reprovação. O objetivo era a globalização das relações econômicas. Consequentemente, as UPs estavam, antes da pandemia, desfiguradas, sem visão de missão social, a braços com crises financeiras crônicas, em que os reitores, que deixaram de ser eleitos pela comunidade universitária, eram gestores de crises financeiras, incapazes de pôr em prática ideias inovadoras.
2. Ultradireita ideológica: ideologia extremamente conservadora, por vezes formulada em termos religiosos, apoiada socialmente por grupos radicais, de extrema-direita, de tipo neo-nazi ou de proselitismo religioso. Este ataque apresentou-se como anti-ideológico e foi formulado de duas formas principais. A primeira foi a de que todo o pensamento crítico, livre e independente visa subverter as instituições e desestabilizar a ordem social. A segunda, dominante na Índia, concebe como ideologia tudo o que não coincide com o entendimento político conservador do Hinduísmo político.

Os dois ataques, diferentes na base de sustentação, são convergentes no mesmo objetivo: impedir o conhecimento crítico, plural e independente, usando crises financeiras para reduzir matérias ideológicas às matérias básicas, isentas de ideologia e úteis para o mercado de trabalho. Durante a pandemia, sua visibilidade pública aumentou graças ao protagonismo dos cientistas com investigação em áreas relevantes para a covid-19.

*Como vai a UP posicionar-se na disputa da narrativa?* A especificidade da UP é ter que responder a esta pergunta a dois níveis: ao nível da sociedade em geral e ao nível da universidade em especial. Opinião própria: a pandemia é a oportunidade para pensar numa alternativa ao modelo de sociedade e de civilização que vivemos, baseada na exploração dos recursos naturais que, em conjunto com a iminente catástrofe ecológica, vai lançar-nos num inferno de pandemias recorrentes.

O futuro da UP está vinculado à credibilização do terceiro cenário. A UP só se defenderá eficazmente quando se centrar no terceiro cenário, visto que é a única instituição que o pode fazer. Se ela o não fizer, será devorada pela vertigem neoliberal que agora se vê fortalecida pela orgia tecnológica de zoom, webinar, etc, onde a UP do futuro é online: imensas poupanças em pessoal docente, técnico, e em instalações; modo expedito de acabar com matérias “ideológicas” e com os protestos universitários. Finalmente, o fim da crise financeira. Mas também o fim da universidade como a conhecemos.

A estratégia pode resumir-se nas seguintes palavras-chaves: democratizar (a eleição dos seus reitores e dirigentes, só a comunidade universitária no seu conjunto tem legitimidade para eleger os reitores e demais dirigentes), desmercantilizar (avaliar docentes por outros critérios de produtividade, sem privilegiar as ciências que geram patentes, mas sim a ciência que contribui para o bem comum de toda a população), descolonizar (As UPs prosperaram com o colonialismo e continuam hoje a ensinar e legitimar a história dos vencedores da expansão europeia, deve-se desligitimar o poder que elas representam e contextualizar a aprendizagem universitária), despatriarcalizar (busca pela igualdade para as mulheres).

Os mestres de Rousseaus

Estórias de vida: relatos orais sobre sua vida, sem intenção de estuda-la.

Histórias de vida: biografia, relatos sobre a vida para estuda-la e entender melhor a pessoa/grupo, se faz uma reflexão crítica. Muito usado para formação intelectual do educador.

Tratar os temas de nossos estudos de forma autobiográfica cria memória, permitindo traçar novos futuros e sentido para nossas vidas. Questões pessoais/subjetivas ficam para o segundo plano, mas deveriam ser parte essencial do cv da escola. Educar é humanizar, devendo ser exercida no cotidiano, na prática vivida. Para se educar, precisamos escrever nossa história, reescrever constantemente nossas vidas. Os mestres da existência e da educação, isto é, para nos educarmos, são: natureza humana, ou seja, nós mesmos/eu (autoformação), da espécie/outros (heteroformação), e as coisas/meio ambiente (ecoformação). Associando-os 3 categorias existenciais:
1) Autonomia: ser para si, governa-se a si mesmo, senhor do próprio destino. Compreender a existência a partir de si mesmo.

2)Solidariedade: ser para o outro, encontrar-se como outro, descobrir-se no outro. Não é virtude e sim condição de sobrevivência da humanidade. Uma nova natureza a partir dos outros.

3) Iluminação: encontrar o sentido da vida, pessoa que consegue responder às perguntas de si mesmo. Iluminado é ser para o mundo/ construir o sujeito para o mundo. A existência humana no conjunto do universo.

Ao escapar da alienação, surgem as perguntas:
1) Qual meu futuro?
2) O que fiz da minha vida até agora?

Mesmo sem consciência, as respostas que as damos no cotidiano orientam a direção que tomamos. A saudade sem dúvida é a palavra que se aprende com mais facilidade, resumindo tudo o que sentia e sente. Só restam lembranças.

Universidade para que? Darcy Ribeiro

O papel da universidade que, baseada no saber acadêmico, pensa no Brasil como um problema, que obriga a pensar, fundamentar e justificar, questionando cada palavra. Faz- e o autoquestionamento livre e ardente. Na pg9 se questiona a falta de educação no Brasil, ficando atrás de outros países como Bolívia. O Livro é de 1986 e hoje a situação continua a mesma, recursos sendo cortados a cada dia, desemprego aumentando, pobreza e ignorância dominando a população, enquanto classes dominantes continuam se enricando. A missão é o Brasil, à fundo, a liberdade do Brasil

Diálogo e transição

Paulo Freire: um breve olhar sobre sua história

O método de al­fabetização promovia a conscientização, a politização. Não se limitava à decodificação das letras, mas à compreensão do mundo, à problematização da realidade e reflexão sobre a sua transformação. A vida passava a ser vista como possibilidade e não como determinação. Não há diálogo se os/as envolvidos/as não estiverem dispostas a construir, juntos/as, outros olhares sobre.

Não há diálogo sem: esperança (o que nos move em direção ao sonho), humildade (arrogância impede o diálogo), fé nos homens (no poder de fazer, refazer, mudar), no pensar verdadeiro (pensar crítico, cuja verdade pode ser modificada). A educação politizadora promove uma eterna inquietude em relação às informa­ções, ao conhecimento construído. Provoca reflexão sobre fatos e notícias levando os/as estudantes a buscarem maior conhecimento, com liberdade e autonomia. Desvelar a realidade, desnaturalizar o que não é “natural”, questionar, refletir, ampliar conhecimentos buscando diferentes fontes e estabelecer diálogos entre os textos e os contextos, são essenciais.

O Ensino Universitário- CAP 5

As interações para a aprendizagem envolvem: **Capacidade do aluno** (esforço, vontade) usada para aprender; **condições do processo** de aprendizagem (sala de aula, ead, livros, biblioteca, acesso à internet); **capacidade do** **professor** em condicionar, apoiar e ensinar.

Ainda podemos dividir a capacidade do aluno em 3 vertentes: **superficial** (não visa condições de aprendizagem, vê a tarefa como obrigação); **profunda** (assimilação em alto nível, atribui-se lógica pessoal ao que é aprendido); **estratégico** (objetiva ser o melhor, 1º colocado sempre, o uso do conhecimento fica para 2º plano).

Mesmo com habilidade e conhecimento básico para promover o aprendizado, o professor necessita de uma estratégia para aplicá-las conjuntamente, para não cair no que já foi citado hoje “é um bom pesquisador, mas não um bom professor”. Por exemplo: o aluno sabe a resposta, mas não sabe como elabora-la. No cotidiano, trabalhamos o conhecimento, mas não a produção, exigimos que o aluno saiba a resposta, mas não mostramos como responder.

O professor precisa esclarecer (dar instruções) o **por que** e **para que**, os **objetivos** da atividade. A tarefa precisa ser compreendida para que o aluno a desenvolva de forma original, sem copiar da internet. A **capacidade cognitiva** deve envolver a direção a ser seguida e as razões disso, para que o aluno esteja ciente dos passos a serem dados, e ao final, saber descrever e autoavaliar cada atividade realizada. Por isso, como ação orientadora do professor no processo cognitivo do aluno, é importante perceber e condicionar o estilo de aprendizado de cada estudante.

Questionamentos:

1. Apenas o esclarecimento (o professor mostrar o porquê e para que ao aluno) é o suficiente para estimular a capacidade cognitiva de alunos que objetivam a aprendizagem superficial (aquela que vê a tarefa como obrigação)?
2. Como ensinar a dúvida e curiosidade para o aluno ir mais fundo?